

## **JUVENTUDE, PRÁTICAS CULTURAIS E NEGRITUDE: O DESAFIO DE VIVER MÚLTIPLAS IDENTIDADES**

**GOMES, Nilma Lino** - FAE/UFMG

**GT:** Afro-brasileiros e Educação / n.21

**Agência Financiadora:** FAPEMIG/CNPQ.

Este artigo aborda alguns aspectos do cotidiano de jovens negros/as, moradores da periferia de uma metrópole. Trata-se da análise dos dados da primeira fase de uma pesquisa etnográfica que tem como objetivos principais compreender as práticas culturais desenvolvidas por jovens e analisar as possíveis influências da sua participação em grupos culturais juvenis. Tais grupos apresentam como característica principal a presença de uma linguagem que pode ser considerada como pertencente a uma matriz cultural africana ressignificada e recriada no Brasil. Pretende-se, nesse contexto, compreender se esses fatores interferem no processo de construção das múltiplas identidades dos sujeitos, sobretudo, da identidade negra.

A temática da juventude no Brasil ainda é um campo em construção com vários temas que demandam maior investigação, sobretudo no que se refere à articulação entre educação e cultura. Nesse contexto, as particularidades vivenciadas pelos jovens como as relações raciais e de gênero, ocupam um lugar ainda mais incipiente na produção teórica sobre juventude no Brasil. A realização de pesquisas que visem cobrir essa lacuna torna-se uma tarefa desafiadora, apresentando todos os limites e possibilidades de uma produção teórica que, até o momento, apresenta pouca penetração no campo das Ciências Sociais e na Educação (SPOSITO, 1997).

Essa mesma incipiência é percebida na formulação e implementação de políticas públicas para a juventude. Segundo ALMEIDA (2000, p.48) é recente a preocupação dos formuladores de políticas governamentais com os/as jovens. A maior parte dos programas, projetos e ações formulados e ensaiados para atender aos setores juvenis visa a trabalhar somente com um dos horizontes do seu cotidiano, de maneira especial, os jovens que se encontram em “situação de risco” ou em “desvantagem social” individual ou coletivamente. A exploração sexual, a gravidez na adolescência, o consumo ou tráfico de drogas, a violência e os atos considerados delinquentes são os mais visados quando se pensam na elaboração de políticas para a juventude. A inserção no mundo da cultura, as formas de lazer, os estilos e movimentos culturais são pouco considerados. Dessa forma, uma parcela significativa da juventude que atua e

desenvolve diferentes práticas no interior de grupos culturais juvenis não é considerada como possível interlocutora por aqueles que formulam e desenvolvem políticas sociais. Lamentavelmente, essa visão equivocada da juventude está presente, por vezes, também no interior das escolas.

Costuma-se dizer que as gerações mais jovens estão perdidas. Na realidade, quando analisamos a relação entre juventude e mundo adulto podemos ver que nós, os adultos é que estamos “perdidos” em nossos valores, projetos, utopias e autoridade. Segundo SPOSITO (1996) não devemos temer ou evitar os conflitos existentes entre as gerações e as disputas que podem haver entre projetos diferentes, contrários ou contraditórios. Compete às gerações adultas, não abrir mão de suas utopias e oferecer modelos e ideais aos jovens, sobretudo no que se refere à valorização das práticas democráticas e o respeito às diferenças. Para que se possa contrapor, contestar e criar um conjunto próprio de orientações, opções, caminhos e utopias, os/as jovens precisam encontrar um estoque muito bem definido de valores para o diálogo com seus educadores e educadoras.

A juventude segundo DAYRELL (2003, p.41) não se reduz a um momento de transição, a um tempo de prazer e de expressão de comportamentos exóticos e nem tampouco se restringe a uma fase de crise dominada por conflitos com a auto-estima e/ou personalidade. O autor nos diz que embora não seja fácil construir uma definição da juventude enquanto categoria, uma vez que os critérios que a constituem são históricos e culturais, podemos entendê-la, ao mesmo tempo, como uma condição social e um tipo de representação. Essa compreensão poderá alargar a nossa visão sobre esse importante tempo/ciclo da vida no que ele apresenta de universal – do ponto de vista do desenvolvimento físico e mudanças psicológicas - e também de particular - nas suas variações e diversidade de condição social, sexual, de gênero, de raça, de valores, de localização geográfica, entre outros.

### **Conhecendo o campo e os sujeitos**

Para delimitação do universo investigado faz-se necessário um recorte operativo, mesmo compreendendo a juventude de acordo com a conceituação de DAYRELL (2003) acima citada. Assim utilizaremos os critérios demográficos já adotados em outros trabalhos que incluem na definição de juventude os/as adolescentes (14-17 anos) e os/as jovens propriamente ditos (18-25 anos).

A presente pesquisa privilegia uma abordagem etnográfica. Nesse contexto, a observação participante, o trabalho de campo, a realização de entrevistas, as anotações no diário de campo e o trabalho com a história de vida constituem-se os procedimentos metodológicos privilegiados.

A investigação desenvolve-se no contexto de um projeto de extensão universitária iniciado no ano de 2002. Tal projeto visa a formação de jovens da periferia, na sua maioria negros/as, que se destacam como líderes nas suas comunidades e que participam diretamente de grupos culturais juvenis.

Este projeto de extensão atende um conjunto de 35 jovens, organizados/as em 17 duplas as quais pertencem a diferentes grupos culturais juvenis da periferia. Destas, foram escolhidas como sujeitos da pesquisa cinco duplas cujos grupos se expressam por meio das seguintes linguagens artístico-culturais: congado, dança-afro, capoeira e *rock*. São eles: Filhos de *Zâmbi*, *Aruê* das Gerais, Meninos do Morro, *Aruanda* e Pêlos de Cachorro.

Para um melhor conhecimento das duplas escolhidas constatamos que não bastava apenas ir a campo para observar o seu cotidiano. Era necessário conhecer e acompanhar a atuação destas no interior do seu grupo cultural de origem. Sendo assim, alargamos a nossa experiência de campo, incluindo além da observação e acompanhamento do cotidiano desses/as jovens, a visita aos ensaios, viagens, festas, *shows* e outras atividades. Realizamos também entrevistas coletivas com pelo menos três integrantes de cada grupo e também entrevistas individuais com cada um dos integrantes da dupla escolhida.

Essa primeira fase da pesquisa já possui dados referentes à caracterização geral dos grupos culturais juvenis que compõem o coletivo do projeto de extensão universitária citado anteriormente. No entanto, nesse artigo, faremos uma breve descrição dos mesmos, dando maior ênfase às entrevistas individuais realizadas com as duplas juvenis eleitas para acompanhamento e aprofundamento nessa investigação.

O primeiro grupo mapeado intitula-se *Meninos do Morro*. Esse grupo congrega um conjunto de 40 jovens distribuídos entre percussão e dança, com uma clara distinção de gênero entre a primeira (meninos) e a última (meninas). Neste grupo, trinta e oito pessoas responderam o questionário para elaboração da caracterização geral, sendo que, desses, 29 são mulheres e 08 são homens (01 não declarou o sexo). Quanto à identidade racial, 25 se consideram negros e apenas 01 se considera branco, tendo o restante se

distribuído entre indígena (5), amarelo (04) e pardo (03). A faixa etária varia entre 10 e 40 anos de idade, sendo que há uma predominância (69%) dos integrantes situados entre os 14 até os 22 anos de idade. A maioria dos participantes estuda ou já estudou em escolas públicas municipais. Os ensaios acontecem aos sábados em uma escola Municipal, agregando jovens do entorno e da favela onde mora a maioria dos integrantes.

Observamos que a grande quantidade de pessoas que integram esse grupo resulta na diluição da atuação da dupla escolhida para acompanhamento nessa pesquisa, a saber, duas jovens negras. Além disso, o envolvimento dessas jovens no cotidiano do *Meninos do Morro* é um pouco limitado. Contudo, não podemos deixar de destacar que estas duas garotas gozam de um certo reconhecimento dentro de sua comunidade devido ao fato de fazerem parte desse grupo cultural e também do projeto de extensão universitária.

Quando indagadas sobre o conhecimento a respeito da origem histórica da linguagem cultural privilegiada pelo grupo *Meninos do Morro*, as garotas entrevistadas demonstram uma certa confusão e afirmam sentir necessidade de um maior aprofundamento sobre o assunto.

*V – Ah, eu sei que... acho que pouco, porque a gente sabe assim: que a dança afro vem dos escravos, é uma dança que os escravos dançavam, que é a mistura do corpo, com a dança contemporânea, assim... só. A gente num aprofunda muito isso, lá, nosso estilo mesmo é a dança, não é a história.*

*Entrevistador: Você tem vontade de aprofundar nesse estudo algum dia?*

*V – Na história da dança? Tenho. A gente até tem um pouco assim de conhecimento, que a Júnia deu umas apostilas pra nós, lá, pra mim, pra Gabi, pra Juliana, e a Nívea, porque eu e a Nívea, a gente tava dando oficinas, né? Aí a gente até começou a entender mais um pouco, da história da dança-afro. (grifo nosso)*

O segundo grupo é o Capoeira *Aruanda*. Neste, aplicamos o questionário para nove integrantes e realizamos uma entrevista coletiva com quatro. O *Aruanda* é formado por 07 jovens e todos responderam ao questionário para levantamento da caracterização geral. É um grupo majoritariamente masculino. A faixa etária varia entre 15 e 31 anos de idade, sendo que a maioria situa-se entre 19 e 25 anos. Do total, 05 se consideram negros, 01 se considera branco e outro (01) amarelo.

O grupo *Aruanda* possui uma atividade intensa e é um dos que explicitamente relaciona a linguagem cultural privilegiada, ou seja, a capoeira, com uma matriz cultural africana. Esta relação é destacada nas oficinas ministradas em escolas, faculdades e

junto aos outros grupos culturais juvenis. Os dois rapazes entrevistados, assim como outros membros do *Aruanda*, enfatizam a capoeira como uma prática cultural oriunda de uma ancestralidade negra e africana. Porém, esse discurso demonstra pouco conhecimento sobre o que realmente isso significa.

*A - A capoeira vem do negro né? Vem dos escravos. Na minha opinião é que a relação que tem é na raiz mesmo.*

*E - Tem tudo a ver. Capoeira com a cultura negra que vem do negro né, dos escravos. Então, tem tudo a ver uma coisa com a outra.*

*Entrevistadora: O que é ser capoeirista para vocês?*

*L - Ser capoeirista pra mim.. como que eu posso dizer? **É dar continuidade a história dos meus antepassados, na minha opinião é isso. Ser capoeirista é dar continuidade a história dos meus antepassados.***

*A -Ser capoeirista também é a mesma coisa da gente tá vivendo de novo pra poder cada dia aprender mais. Ser capoeirista, também, chega muito pro lado também, assim, da questão de... sobrevivência. **Nomeio de sobrevivência... de poder estar resgatando a cultura afro brasileira.** (grifo nosso)*

O terceiro grupo pesquisado é o *Aruê das Gerais*. Trata-se de um grupo de dança-afro, criado há 19 anos, que desenvolve um trabalho com moradores da região leste da cidade. Este grupo agrega cerca de 80 crianças, adolescentes e jovens e, como é comum nos grupos que trabalham com dança e percussão, os rapazes tocam os instrumentos e as garotas dançam, havendo, assim, uma clara distinção de gênero.

Neste grupo, 16 jovens responderam o questionário, sendo que destes 44% são mulheres e 56% são homens. Quanto à identidade racial 14 jovens se consideram negros, 01 se classificou como branco e 1 como pardo. Os jovens têm idade variando entre 14 e 22 anos.

O grupo é composto por adolescentes e jovens negros/as, sendo que nenhum destes/as exerce algum tipo de trabalho (remunerado ou não) fora do grupo e suas famílias vivem com renda mensal de até um salário mínimo. Essa realidade também se faz presente na história de vários integrantes dos outros grupos mapeados.

O *Aruê das Gerais* apresenta-se com frequência em escolas públicas, eventos de rua e em teatros da cidade. Os ensaios acontecem com uma certa irregularidade, aos sábados e sextas-feiras. A dupla entrevistada para o aprofundamento da pesquisa é composta por duas mulheres. Estas relacionam a dança afro, principal atividade do grupo, com uma matriz cultural africana.

Embora essa relação não seja trabalhada explicitamente nos ensaios e atividades realizados pelo *Aruê*, podemos observar a sua presença por meio das tranças, dos penteados afro e do figurino que o grupo utiliza nas suas apresentações. Contudo, nas

oficinas ministradas pelas duas garotas e pelo grupo é fácil notar o pouco esclarecimento que possuem sobre a dança afro enquanto uma linguagem cultural de matriz africana. Mas não podemos deixar de destacar que, mesmo diante desta fragilidade, a questão racial é destacada na sua atuação.

O quarto grupo é a banda de rock *Pêlos de Cachorro*. Esta é composta somente por quatro homens. Aplicamos o questionário para caracterização geral para todos os integrantes e também realizamos as entrevistas coletivas e individuais. Quanto ao pertencimento racial, 03 se consideram negros e 01 se encaixa na categoria “outra”, sem especificação. A faixa etária da banda se compõe de 02 integrantes de 26 anos, 01 integrante de 22 anos e 01 integrante de 23 anos de idade.

Os quatro rapazes possuem uma atividade intensa na região onde moram com destaque para a participação e promoção de um grande *show* musical que agrega várias bandas de *rock* da periferia.

A dupla entrevistada reconhece que o *rock* é um estilo musical de matriz negra. Nos debates e discussões dentro do projeto de extensão, esse é um aspecto que insistem em destacar, na tentativa de desconstruir a idéia de que o *rock* é uma produção cultural e um estilo musical de classe média e branca.

R – *Muitas pessoas confundem a origem do rock. O rock tem uma origem negra.*

Esteticamente, essa dupla articula um estilo *dark* com o afro. O corte de cabelo e as tranças se misturam com roupas pretas, sombras, batons escuros e estilo despojado. Um deles, porém, é o que mais “brinca” com sua estética através dos penteados e ambos se afirmam negros e dizem reconhecer a importância desse pertencimento racial.

O quinto grupo mapeado é o *Filhos de Zambi*, pertencente a uma comunidade congadeira, remanescente de quilombos. Possui cerca de 25 integrantes, todos parentes. Embora o grupo *Filhos de Zambi* esteja dentro de uma comunidade muito conhecida na região pela tradição do congado, a dupla de rapazes entrevistada constituiu, no interior deste, um grupo de dança-afro.

Dos integrantes do grupo, 15 responderam ao questionário para levantamento do perfil geral. A faixa etária varia entre 10 e 17 anos de idade, com uma predominância de jovens dos 13 e aos 16 anos de idade. Todos, com exceção de 01 integrante (que se considera pardo) se consideram negros. Quanto ao gênero, 04 são homens e 11 são mulheres. Os rapazes falam a respeito da divisão de gênero presente nos grupos de dança-afro (homens na percussão e mulheres na dança). Segundo eles, o machismo é um fator determinante.

*E - Eu acho que tipo assim, pra nós homens assim, véi, **rola muito machismo, “ah o cumpádi tá dançando, esse cara é meio esquisitão e tal”** (risos) (grifo nosso)*

*T – “Ah, esse cara tá dançando de fraldão, a lá!” (risos)*

Já podemos analisar, por meio da observação do cotidiano desses dois jovens, que ambos constroem uma identidade negra positiva, refletida no seu jeito de ser e na sua inserção em outras atividades dentro da comunidade, como por exemplo, as folias, os batuques e os candombes.

Quanto à relação entre a linguagem cultural adotada pelo grupo e a africanidade observamos que estes jovens também apresentam um conhecimento limitado:

*E – Eu acho que tem tudo a ver, **que é através dos negros que surgiu o congado, os negros, o congado, a dança-afro** mesmo, até o nome diz: dança africana, acho que tem tudo a ver. (grifo nosso)*

De um modo geral, os cinco grupos estudados destacam-se como referência dentro dos bairros onde estão localizados. Os/as jovens que deles fazem parte, com níveis diferenciados de inserção e expressão, recebem algum tipo de reconhecimento da comunidade e de outros jovens devido a sua atuação cultural e artística.

O mundo da cultura se apresenta como possibilidade de expressão, produção, sociabilidade e inserção social para esses sujeitos. Fazer parte de um grupo cultural lhes possibilita uma postura mais positiva diante da vida e de si mesmos. Ser negro/a e fazer parte de um grupo cultural juvenil também é uma vivência que pode fortalecer esse amadurecimento.

*Entrevistadora: O que você aprende no Aruanda?*

*L - A gente sempre tá aprendendo. Todo dia cê aprende uma coisa diferente. **Cê aprende a lidar com a vida aqui fora.** Porque parece que tem tudo a ver... (grifo nosso)*

Todos, porém, vivem o desafio de manter o grupo funcionando e dar continuidade ao seu trabalho. A vida na favela e nos bairros periféricos, a violência, o tráfico de drogas e de armas, a exclusão social, a falta de recursos financeiros, os preconceitos sociais, raciais e de gênero afetam a vida desses jovens.

*V – (suspiro fundo) **A boca é... a boca de tráfico lá é...demais!** E às vezes tem muita guerra entre a parte lá que eu moro e a parte da Gabi. Eles são rivais. Principalmente agora nesse final do ano, **um tanto de gente já morreu lá.** (grifo nosso)*

**Os grupos juvenis, a negritude e a ressignificação da matriz cultural africana**

Os cinco grupos apresentados anteriormente (dentre os quais elegemos as duplas juvenis entrevistadas) expressam, através da linguagem cultural por eles privilegiada, a presença de raízes culturais africanas recriadas no Brasil. Os cantos, as vestimentas, os adereços, o ritmo, o som, o tipo de dança, os instrumentos musicais utilizados revelam a presença da cultura negra, mesmo que os seus integrantes não tenham um profundo conhecimento sobre isso.

De acordo com GONÇALVES e SILVA(1996, p.172 e 174) estamos diante de um legado africano, uma herança que mulheres e homens escravizados deixaram para nós, povo brasileiro. Herdamos não só os ritmos, os quitutes, a religião, o jeito de viver e de trabalhar, mas também o entendimento próprio do sistema mítico, a valorização do aprender através da troca, a sabedoria popular em que o mais experiente informa e apóia o aprendiz, em outras palavras, aprende-se realmente aquilo que se vive.

Essa mesma autora afirma que a sociedade brasileira convive com marcas da cultura africana que, independentemente de nossa origem étnica, assimilamos e vivemos. Reconhecer isso, sem dúvida, não significa esquecer ou negar as outras marcas que fazem parte do nosso jeito de ser e de viver. Significa, na realidade, aceitar uma de nossas raízes culturais que ainda é rejeitada e negada, a ponto de seus representantes diretos, os descendentes de africanos, serem vistos, há mais de 500 anos, sob óticas preconceituosas, além de serem diariamente discriminados.

Essa relação entre linguagem cultural e africanidade, como já foi dito anteriormente, nem sempre é acompanhada de um conhecimento mais profundo dos/as jovens negros/as a respeito da história da África e da cultura afro-brasileira. Esse entendimento superficial sobre a relação entre a linguagem cultural da qual participam e a cultura negra interfere, de alguma maneira, na construção das identidades negra e juvenil dos sujeitos da pesquisa.

*Entrevistadora: Você sabe alguma coisa sobre a origem da dança afro?*

*N - tem aquela coisa que todo mundo fala né? Que a dança afro, como já diz, surgiu da África, veio da África, e que os escravos dançavam pra comemorar alguma coisa. Celebrar alguma coisa. Ou a morte de alguém, ou o nascimento de alguém... o que eu sei é isso. Mas eu não tenho, realmente, muito conhecimento sobre... um conhecimento mais detalhado não.*

*Entrevistadora: Vocês discutem isso no grupo?*

*N - Não. Até pelo fato da gente não ter como tá pagando alguém pra tá indo lá, fazer palestra, né? E o espaço que a gente tem também, como cê viu, não tem como... a gente precisa de uma sala fechada e a gente não tem isso.*



Por outro lado, a possibilidade de participar e conviver dentro de um grupo cultural que expressa a presença da africanidade através da dança, do ritmo, da música, da percussão e da corporeidade interfere de maneira positiva na afirmação da identidade negra dos/as jovens, mesmo que tal processo não se dê de forma consciente. Os jovens e as jovens entrevistadas afirmam que, após o envolvimento com a linguagem cultural, passaram a se ver mais como negros/as e a se orgulhar mais da cultura de seus antepassados. Além disso, a participação em outros espaços culturais, sociais, políticos e educativos que primam pelo respeito à diversidade étnico/racial também contribui para essa afirmação.

Os dados coletados pela pesquisa nos permitem destacar alguns pontos relevantes do cotidiano dos/as jovens entrevistados/as e que mereceriam ser mais destacados pelos estudos que tematizam a juventude no Brasil. São eles: a construção da identidade negra e sua relação com a condição juvenil, a construção de oportunidades sociais e a relação entre escola e juventude. Analisaremos a seguir cada um desses aspectos.

### **Ser jovem e negro/a: vivendo na periferia e produzindo cultura**

A compreensão das práticas culturais, o conhecimento dos espaços e dos trajetos de circulação na cidade e no bairro, a vivência de uma situação social muito colada ao desemprego ou à procura do primeiro emprego são alguns dos aspectos vividos pelos sujeitos dessa pesquisa. Muitas vezes, o pertencimento a um grupo cultural configura-se como uma alternativa de sobrevivência e de construção identitária para esses jovens, o que nem sempre é considerado pela família, pelo mundo adulto e pela escola.

Outras vezes, quando essa participação recebe algum tipo de reconhecimento familiar ou externo, as tensões e dificuldades para pertencer, permanecer e profissionalizar-se no campo da cultura não são consideradas e cobra-se desse/a jovem um retorno financeiro (que nem sempre vem!) ou uma atitude festiva e alegre diante da vida, pois se acredita, de maneira equivocada, que o mundo da cultura só traz divertimento e fruição.

Os/as jovens entrevistados/as, apesar de reconhecerem a existência da discriminação e das desigualdades raciais, proferem um discurso mais afirmativo sobre o seu próprio pertencimento étnico/racial. Mostram-se atentos à questão da negritude e reconhecem situações de preconceito racial. Um ponto que se destaca nesse dado da pesquisa é que, diferentemente de alguns adultos negros, as opiniões dos/as jovens sobre

a raça/etnia apresentam-se mais confiantes e afirmativas. Tal resultado pode ser fruto dos avanços sociais em prol da superação do racismo em nossa sociedade, da inserção em um grupo cultural cuja linguagem pertence a uma matriz negra e africana e também da participação em um projeto de extensão de cunho social. Essa intensa atividade faz alguma diferença na vida desses jovens, pois mesmo diante de condições sociais adversas, consegue lhes proporcionar um sentido novo à sua condição juvenil, aponta caminhos, possibilita o contato com o outro e com outras realidades e abre perspectivas para a construção de um projeto de vida. Tudo isso pode ajudá-los na construção de uma imagem positiva de si, como jovens, negros e negras.

*V – (muito tempo em silêncio) Ah, eu acho que é o orgulho, de ser negro... assim... pela luta mesmo que hoje... pelas coisas que tem, que fala sobre os negros, sobre a consciência que o povo, ultimamente... o povo tá tendo consciência. Então tá se igualando, lutando por uma coisa melhor, entende? (grifo nosso)*

*N - É... foi quando eu.. eu me identifiquei, realmente, pelo que eu sou e pelo que eu quero ser. Em relação ao que eu sou é...em relação a uma identidade negra, em relação a me assumir entende? (grifo nosso)*

Os depoimentos acima nos levam a refletir sobre o que nos diz SOUZA(1983,p.77):

*“Ser negro é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através do discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro.”*

É esse processo denso, complexo e tenso que os jovens e as jovens negras integrantes dos grupos culturais juvenis vivem de forma contundente. A abertura de horizontes e a tomada de consciência da condição social, racial e juvenil transforma esses/as jovens em sujeitos mais conscientes da sua diferença e da luta pelo reconhecimento. Por outro lado, como todo e qualquer processo de mudança, ruptura e amadurecimento, a afirmação da identidade juvenil e negra também traz angústias, indagações e novas responsabilidades diante da vida.

Essa situação revela que os estudos sobre a juventude no Brasil precisam dar conta da presença da diversidade étnico/racial na trajetória de vida dos/as jovens do nosso país. Mesmo quando trabalham com o conceito de “juventudes” os poucos

estudos dessa área que realizam uma análise mais profunda sobre a temática, tendem a omitir ou excluir as implicações étnicas e raciais nas trajetórias de vida dos/as jovens, principalmente, daqueles que pertencem às camadas populares.

Durante a entrevista coletiva, dois jovens refletiram sobre a sua inserção no grupo cultural e a afirmação da identidade negra na sua própria comunidade e fora dela:

*E – Eu acho que pra comunidade é mostrar que o jovem da comunidade também age, num é só... que os jovens também têm firmeza, têm interesse nas coisas, que o jovem batalha pra conseguir uma vida melhor pra nós mesmos, não só pra nós mas pra quem tá chegando, entendeu, os meninos mais novos...*

*T – E... pra fora, mostrar nosso talento...*

*E - Mostrar que os jovens negros também têm um valor...*

*M – É... nós tão muito reconhecido aí...*

A realidade do/a jovem negro/a da periferia das grandes metrópoles não se caracteriza por uma postura alienada diante da vida, como podem pensar alguns. Esta realidade tão adversa, de maneira contraditória, pode gerar uma tomada de consciência do processo ideológico do racismo. Isso pode ser visto nos depoimentos logo abaixo. O discurso dos/as jovens sobre a questão racial não se limita à denúncia do racismo. Eles vivem a experiência da discriminação racial e refletem sobre a necessidade de construção de estratégias de sobrevivência para *driblar* o racismo. Nesse sentido, não é o discurso da superação do racismo que permeia os depoimentos. Por que será? Será que diante da dura realidade em que vivem, os/as jovens negros/as aprendem a analisar com mais *frieza* essa transformação tão desejada? Os/as jovens negros/as parecem reconhecer que, no atual momento e de acordo com a sua condição social, educacional e de vida é possível, nesse momento, *driblar* o racismo, pois a superação deste faz parte de um processo mais complexo que não depende apenas da juventude negra. Uma das estratégias desenvolvidas é aprender, desde cedo, a dar a devida *importância* à sua negritude, *deixando transparecer* o orgulho de ser negro ou negra.

*J - Ser negro no Brasil é cê tá tentando, o tempo inteiro, driblar os preconceitos. Porque preconceito é o tempo inteiro né? E muita gente acha que ele não existe e ele existe sim. Então, eu acho que é isso. **Tentar driblar...**(grifo nosso)*

*N - Difícil. Muito difícil. Por ter dificuldade em tudo. É dificuldade no trabalho, é dificuldade de... acho que até de... aquela coisa de ter lugares exclusivos pra... pra ir. Esses negócios de.. acho que é bem complicado ainda em relação aos preconceitos. **Então, ser negro no Brasil, é... é tentar superar uma.. acho que uma vida toda.** (grifo nosso)*

*A - O Brasil é um país tão meio... Ser negro, aqui é, as vezes... porque pra muitas outras pessoas a gente não chega a valer nada. Mas no meu ponto de vista ser negro aqui, no Brasil, eu mesmo, acho muito importante de... ter nascido negro, de tá sempre deixando isso transparecer. As pessoas negras sempre vindo e tá predominando um pouco mais ainda do que os brancos. (grifo nosso)*

É instigante o fato de que esse movimento afirmativo em relação à negritude não tem garantido aos jovens negros/as um conhecimento maior e uma busca da história do povo negro. Muitas vezes eles/elas demonstram esse desejo e cobram da escola esse tipo de ensinamento. Porém, sabemos que a educação escolar ainda caminha lentamente em relação a essa temática.

### **Os/as jovens, as identidades e a construção de oportunidades**

A ida a campo para acompanhar o cotidiano do/a jovem e sua atuação no grupo cultural revelou com mais contundência a dureza da vida e das condições de existência dos/as jovens negros/as da periferia. Essa situação afeta de forma decisiva o seu projeto de vida e as suas expectativas. Falta-lhes recursos financeiros para investir na sua própria formação e do seu grupo, para encontrar local adequado para os ensaios, comprar instrumentos, preparar material de divulgação, entre outros.

A construção de novas perspectivas de vida e de profissionalização no mundo da cultura tem se configurado como uma das possibilidades de mudança dessa situação adversa. Nesse sentido, a participação nos grupos culturais e em projetos sociais ocupa um lugar de destaque na construção de um outro horizonte.

Os/as jovens entrevistados/as analisam de maneira positiva a sua participação no projeto de extensão universitária dentro do qual se desenvolve a presente pesquisa. Este projeto, com todos os limites, tem se apresentado como uma oportunidade decisiva para os/as jovens que dele participam, proporcionando-lhes uma ajuda de custo para seus gastos pessoais, abrindo espaços para a sua participação em momentos de discussão e formação (questões de gênero, étnico-raciais, políticas), bem como o acesso a bens culturais como cinema, teatro e *shows*. Além disso, desenvolve atividades que estimulam a realização de intercâmbios com outros grupos culturais juvenis e o contato com ambientes diversos (acadêmicos, políticos, movimentos sociais).

*V – A troca de experiências, a, articulação e o próprio curso ensinou isso. Porque pra você conseguir fazer na sua comunidade você precisa de um coletivo, de um grupo, e não se faz só.*

*J - De ter ficado mais comunicativa e saber que eu tinha direito a vários tipos de coisas. Tipo... direito de tá indo num centro cultural. **Que eu pensei que aquilo não fosse pra mim. Que eu tinha que ficar só lá onde eu morava e tal.** E, de repente, eu vi que não. **Que eu tinha que tá saindo, que isso é um espaço público e que a gente podia tá ocupando. Tipo, aqui mesmo. Pra mim a gente tinha que pagar pra entrar aqui. E só entrava quem tinha condições e... eu vi que não, que eu podia tá entrando também.** Então, isso mudou pra mim. O lance do conhecimento mesmo. (grifo nosso)*

As oportunidades proporcionadas pelo projeto de extensão também interferem em um campo mais íntimo da vida dos seus participantes, a saber, a construção de laços de solidariedade, da auto-estima e do protagonismo juvenil.

*V – Mudou, me deu autonomia, aumentou assim... **a minha auto-estima que eu num tinha, assim... meu jeito agora de ser, graças ao curso, então mudou várias coisas.** (grifo nosso)*

*N - bom, eu acho que tudo, minha vida mudou. Então, eu acho que foi exatamente por isso. Essa diversidade mesmo... essas linguagens diferentes, os contatos com pessoas que pensam diferente. O contato com as pessoas que pensam em relação ao outro e não a si mesmo. **Então, eu vivia muito num mundo onde as pessoas pensam só em si mesmo e em prejudicar os outros! Então, aí quando a gente chega num lugar que a gente pensa diferente...**(grifo nosso)*

A maior inserção social e cultural dos/as jovens entrevistados/as e o conhecimento dos seus direitos enquanto jovem e cidadão, o contato com a alteridade e a possibilidade de construção de uma outra história como jovem negro/a e morador/a da periferia têm provocado não só mudanças subjetivas mas, também, físicas, corpóreas como o modo de se vestir, os vários penteados, o uso das tranças, o cabelo no estilo *black power*, entre outros. De um modo geral, todos/as os/as jovens desenvolveram uma relação mais dinâmica com a sua estética corporal.

### **Mas... e a escola?**

No contexto vivido pelos/as jovens negros/as da periferia a escola assume um lugar importante. Porém, de um modo geral, quando se referem à instituição escolar, denunciam a falta de diálogo entre o universo escolar e os grupos juvenis.

No que se refere à questão étnico/racial, os depoimentos apontam a falta de sensibilidade e até mesmo de respeito que permeiam as relações raciais no interior da escola. Nem sempre essa instituição se mantém atenta à complexidade do que é “ser jovem negro/a” no Brasil. Em última análise, as trajetórias escolares parecem não

contribuir muito para a construção de uma identidade negra positiva desse/a jovem. Esta, quando acontece, deve-se à sua inserção em outros espaços sociais como, por exemplo, os grupos culturais, a religião e os projetos sociais.

*V – Na escola não era comentado sobre o negro, só quando... só comentava sobre as histórias, que vêm em livros, aquelas coisas que era escravo, de que fugiram pros quilombos, aquelas coisas que acontecia, só isso, só o que estudava.*

*Entrevistador: Mas e os alunos, os colegas? Eles faziam algum tipo de comentário ou brincadeiras?*

*V – É... só brincadeiras maldosas. Sempre rola n'escola. Até hoje.*

*Entrevistador: É? Que tipo de brincadeira o pessoal fazia e faz a até hoje?*

*V – Tem colegas assim, de sala, tem pessoas que sai das escolas por causa que eles **ficam falando que ela é negra, discriminam mesmo, falam que ali a escola é só branco, vai maltratando a pessoa de tal forma que ela acaba saindo das escolas.** (grifo nosso)*

*N - **Só coisa ruim véi!**(...) **Neguinho do cabelo duro. Sei lá. Só desses estilos. Não tinha alguém que falasse coisa boa. Só tinha quem falasse coisa boa quando a gente tava no meio de pessoas que se sentiam bem como negro. Então, na minha infância, que eu lembre... no colégio, esses lugares, só coisa ruim mesmo.** (grifo nosso)*

Outra garota quando questionada sobre situações de preconceito racial vividas na sua trajetória de vida também apontou a escola como um espaço em que tal situação acontecia:

*J - Os comentários eram mais por parte dos meninos de escola ne'? Ah, é... macaquinha... é... esse tipo de comentário, assim, que eu lembro da escola. Agora, assim, da família, de adultos comentando perto de mim realmente eu não lembro disso. Era mais de longe só. **Esses idiotas da escolinha aí.** (grifo nosso)*

Os depoimentos expressam lembranças de uma trajetória escolar marcada pela violência e pela segregação racial, o que nem sempre é aceito pelos/as educadores/as e educadoras. Porém, esse percurso escolar acidentado não apaga o reconhecimento da importância desta instituição.

*V – Como que eu vejo a escola? **A escola eu vejo que é uma educadora, né? Mas ultimamente as escolas estão muito de baixo nível. Num tá tendo mais isso nas escolas cê vê mais é violência, então, antigamente, a escola era o eixo da educação, hoje é o eixo da violência.** (grifo nosso)*

Quando a escola não realiza de maneira competente o seu ofício de educar e de respeitar as diferenças, os jovens tendem a buscar outros espaços sociais, culturais e religiosos em que essa postura esteja presente. Isso não quer dizer que tais espaços sejam perfeitos e que no seu interior não existam disputas, relações de poder,

hierarquias raciais e de gênero. Contudo, o fato desses espaços se abrirem ao diálogo para com a juventude os transforma – mesmo com todos os limites – em lugares mais atrativos e desejáveis do que a própria escola.

### **Conclusões**

A pesquisa confirma a premissa de que, no Brasil, a construção de uma identidade negra positiva não se limita ao fato de nascer negro, viver dentro da comunidade negra e pertencer a um grupo cultural que privilegia uma linguagem cultural alicerçada numa matriz africana recriada na diáspora. Não desconsideramos, de forma alguma, a importância desses fatores para a elaboração de novos valores e símbolos juvenis e para a construção de uma auto-imagem positiva. Porém, eles não podem caminhar isoladamente. Nesse sentido, além do contato com o outro, com o diferente, com a produção cultural, com os bens culturais, com a história dos ancestrais e da humanidade é preciso que se criem oportunidades iguais para as diferentes “juventudes” no Brasil. Essas oportunidades precisam compor um conjunto de políticas de ações afirmativas, visando a superação das desigualdades sociais, raciais e de gênero que marcam a trajetória da juventude brasileira. Trata-se não só da formulação de políticas públicas para a juventude mas, também, de *políticas públicas de ações afirmativas para a juventude* que considerem a raça/etnia e o gênero. Nesse sentido, pensar a juventude negra e pobre do nosso país nos coloca diante do desafio de implementação de políticas públicas universais juntamente com as específicas. Esse aspecto tem sido pouco analisado pela produção teórica que investiga a condição juvenil.

Ao privilegiar o cotidiano de jovens negros/as que integram os grupos culturais juvenis, inevitavelmente, essa pesquisa nos remete à escola. A investigação revela que, cada vez mais, a escola precisa dialogar com os outros espaços educativos em que os jovens produzem cultura e se constroem enquanto sujeitos sociais. Além disso, a escola precisa considerar fatores como a raça/etnia e o gênero no processo de construção da identidade juvenil, valorizando-os e possibilitando aos jovens um conhecimento mais elaborado sobre essas relações e o seu desenvolvimento no decorrer da história, da política e da cultura.

Mas, enquanto a educação escolar resistir diante da importância de tais fatores ou continuar considerando-os como temáticas transversais ou conteúdos inovadores dos currículos, o diálogo entre escola e juventude continuará acontecendo de maneira

precária. É fato que algumas instituições escolares já perceberam essa lacuna e estão se movimentando. Quando se referem a essas escolas os/as jovens entrevistados/as sinalizam positivamente, desejam contribuir e dizem que estes/as educadores/as também estão *na correria*, assim como a juventude da periferia. Essa *correria conjunta* poderá resultar em projetos educativos que articulem educação, juventude, cultura e negritude.

### **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, Elmir de. Jovens: políticas públicas, mercado de trabalho. *Polis*, São Paulo, n.35, p.39-70, 2000.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, Anped, n. 24, p.40-52, set/out/nov/dez, 2003.

GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. Prática do racismo e formação de professores. In: In: DAYRELL, Juarez (Org) *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte:UFMG, p.168-178, 1996.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. *Revista Brasileira de Educação*. Campinas, Anped, n. 5/6, p. 37-51, 1997.

----- . Juventude, crise, identidade e escola. In: DAYRELL, Juarez (Org) *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, p.97-102, 1996.